

MEMÓRIA CAMPINEIRA (42)

JOÃO BIERRENBACH

Paulo Silva PINHEIRO

João Bierrenbach, pai dos irmãos Bierrenbach, dessas pessoas que Campinas de outrora tanto admirou e que a cidade reconhecida já homenageou, era alemão de origem, tendo nascido em Brandenburg, Alemanha. Veio para o Brasil em 1829 como integrante de um dos batalhões da Guarda da Segunda Imperatriz do Brasil, Dona Amélia de Leuchtenberg, segunda esposa de D. Pedro I.

As coisas no Sul do Brasil não iam bem. Revoltas e constantes perturbações da ordem fizeram com que D. Pedro I enviasse para lá a tropa a que pertencia João Bierrenbach, com o objetivo de guarnecer as fronteiras do Rio Grande do Sul.

João Bierrenbach, desgostoso com as incertezas da vida militar, reformou-se e se estabeleceu em Pelotas, onde, em 1832, consorciou-se com a professora Bárbara Raufman, também alemã, da Baviera, e que dirigia um colégio da colônia germânica de São Leopoldo, fundado em 1824.

Em Pelotas João Bierrenbach fez funcionar a sua primeira fábrica de chapéus. Logo de início se apercebeu das dificuldades para obtenção de matéria prima, isto porque, sendo ela importada da Europa, e a navegação, à vela, difficilima, portanto, de ser efetuada até a cidade do Rio Grande, teria ele que procurar outro meio de obtê-la ou então desistir de semelhante indústria. Daí volver suas vistas para o pêlo dos preás, espécie que infestava os

brejos do Rio Grande do Sul. Com isto conseguiu levar a sua indústria avante, até que, em 1837, aborrecido com as constantes guerrilhas que perturbavam o sossego da região, tornando mesmo a vida ali insustentável, resolveu transferir sua residência para São Paulo, onde se instalou no mesmo ano, à Ladeira dos Piques n^o 10 e 11, também com fábrica de chapéus. Aqui a indústria lhe foi mais próspera e tanto assim que logo mais abriu uma loja para venda dos seus produtos à Rua da Imperatriz, hoje 15 de Novembro.

Mais tarde adquiriu uma vasta área de terra e nela formou um sítio, que existiu no local denominado Bairro do Limão, nome que é corruptela de "alemão", pois o povo achava muito difícil pronunciar o nome Bierrenbach. Daí dizerem Sítio do João Alemão, mais tarde passando para a denominação popular de Limão, como hoje é conhecida. Neste sítio ensaiava a cultura do trigo em sociedade com o Senador Souza Queirós.

O pessoal empregado na referida fábrica, na sua quase totalidade, era alemão, contratado na Europa, alguns escravos e brasileiros.

João Bierrenbach faleceu em 1855, ficando a direção da fábrica e de todos os negócios entregues aos cuidados da viúva. Esta faleceu no ano de 1860.

João Antônio Bierrenbach, filho do casal João e Bárbara, nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 10 de abril de 1833 e veio estabelecer-se em Campinas em 1857. O Capitão João Antônio Bierrenbach fundou em Campinas, no Bairro de Santa Cruz, uma fábrica de chapéus. A casa Bierrenbach foi a primeira que admitiu mulheres no trabalho da fábrica e foi a introdutora em São Paulo das máquinas de costura Singer, que muita modificação vieram trazer à vida das senhoras paulistas. João Antônio Bierrenbach ocupou cargos de confiança na administração pública, sendo delegado de polícia em Campinas, em 1864; faleceu nesta cidade em 1882, na Rua da Ponte. Discípulo de seu pai possuía muito tirocínio, prosperava e deu rapidamente à sua fábrica um grande desenvolvimento. A firma Bierrenbach & Irmãos era constituída por João Antônio Bierrenbach e João Bierrenbach.

Em 1865 instalaram prensa para enfardamento de algodão e em 1870 uma afamada oficina e fundição de ferro e bronze onde executavam toda espécie de implemento necessário à agricultura, à indústria, aos transportes e às construções. Mantinham à Rua Direita (hoje Barão de Jaguará) nº 21, uma loja para a venda de chapéus para homens e senhoras, fabricados na Rua da Ponte. A oficina e fundição funcionavam no Largo de Santa Cruz nº 40 e ocupavam uma grande área no extremo da propriedade, com mais de cinco alqueires e que começava na Rua Major Sólón e seguia pelos dois lados da Praça XV de Novembro, indo terminar no bosque, local hoje ocupado pelo Colégio Progresso Campineiro.

Quando chegava a Santos algum navio com avarias, lá ia o pessoal da firma Bierrenbach & Irmãos proceder aos necessários reparos. Não foram poucas vezes que peças inteiras foram desmontadas e trazidas até Campinas para os reparos que se faziam necessários e depois recambiadas a Santos.

A primeira fábrica acionada a vapor que funcionou em Campinas, foi a deles e o locomóvel para tal fim foi importado da Inglaterra, sendo transportado pelo vapor "Clayton" até Santos e dali para cá em carro de boi.

As primeiras máquinas para beneficiar café - que até então era beneficiado em pilões, geralmente movidos a água, sendo a separação e a catação feitas a mão e por escravos - foram por eles fabricadas em fins de 1872 e princípios de 1873.

Obtiveram prêmios nas exposições a que concorreram, notadamente na Provincial, em São Paulo, na Nacional, no Rio de Janeiro, em 1875, quando expuseram chapéus fabricados pelas duas fábricas e com máquinas agrícolas de beneficiar café e panificadoras. No ano seguinte, 1876, concorreram à Exposição Continental de Filadélfia, sendo premiados.

Estas indústrias, que começaram com um número reduzido de operários, chegaram a contar com cerca de trezentos trabalhadores, número bastante significativo para a época.

João Antônio Bierrenbach faleceu aqui em Campinas, em 31 de julho de 1882. Com este infausto acontecimento não se fechou

o belo ciclo industrial da próspera indústria campineira que ainda por muitos anos foi a grandeza de Campinas e do Brasil e que tantos benefícios proporcionou a todos. Sete anos mais tarde: em 1889, João Bierrenbach desaparecia em São Paulo. Seu falecimento ocorreu no dia 20 de abril daquele ano. João Miguel, um dos irmãos Bierrenbach, havia voltado à Alemanha e aí desaparece a indústria, pois só ficaram mulheres e crianças ainda pequenas.

Voltemos, ainda uma vez, ao passado e vejamos algo mais feito por esses pioneiros:

Em 1881 abriram, em terrenos de sua propriedade, a Rua Augusto César (hoje Avenida Júlio Mesquita) e a travessa das oficinas, atual Rua Irmãos Bierrenbach (que tem início na Avenida Júlio de Mesquita e fim na Rua Major Sólón).

Por solicitação da Câmara, eles, por conta própria, renovaram e mobiliaram o porão da antiga cadeia pública (que ficava no local onde está hoje o Monumento-Túmulo de Carlos Gomes) para ali funcionar a Agência Postal de Campinas, da qual, segundo contam, eram eles os maiores fregueses. Ainda a pedido da Câmara, eles e Francisco Krug canalizaram, às suas expensas, o córrego do Tanquinho (que passa canalizado sob a Rua Barão de Jaguará e César Bierrenbach desde a nascente pouco acima do Largo do Pará, até o Largo do Teatro Municipal e construíram neste último um chafariz para o abastecimento de água potável à população, fazendo, ainda, no local, um bebedouro para animais.

Deles jamais Campinas teve uma negativa para qualquer obra de benemerência ou de utilidade pública. Os gradis da Capela da Santa Casa de Misericórdia; o mobiliário e enxoval das duas enfermarias; há, na Santa Casa, a sala João Bierrenbach; o gradil da escada que dá para a Rua 13 de maio, da nossa Catedral, foi feita e doada por eles.

No Passeio Público (atual Praça Imprensa Fluminense) duas pontes de cimento eram ligadas por um artístico gradil de ferro, ricamente trabalhado. Dádiva de João Bierrenbach e João Antônio Bierrenbach. A escada e partes recobertas de cimento imitando cipó da balaustrada foram doação de João Antonio. João

Antônio cuidava da fábrica de chapéus e João era o responsável pelas oficinas e fundições de ferro e bronze.

Numa fazenda em Cajuru/SP iniciaram a plantação de café em triângulo - o café bourbon - imitando o sistema adotado pelos ingleses nas plantações das ilhas africanas. João Bierrenbach, como o pai, tinha verdadeira inclinação para a agricultura. Recebendo revistas agrícolas de várias partes do mundo, punha em prática, na sua chácara, nos fundos da fábrica, tudo o que nelas havia de ensinamentos. Conseguiu adaptar muitas plantas exóticas e introduzir muitas variedades de roseiras e de outras flores. Conseguiu obter em seu roseiral a famosa rosa negra, quando na Europa surgiu a qualidade Príncipe Negro. Cultivou pereiras, tamareiras e foi um respeitado viticultor, chegando a fabricar - graças à competência e colaboração do Dr. Pereira Barreto - excelentes vinhos de mesa e de sala. Uma exuberante coleção de cafeeiros - amostras providas das mais diferentes zonas de cultivo da rubiácea na época de 1882 - expôs ele na tradicional e célebre Exposição-Feira de 1885.

E para concluir: o primeiro poço artesiano, que aqui existiu, foi por eles aberto em terrenos de sua propriedade e, em Campinas de 1857, água canalizada em toda casa e em toda a belíssima chácara, que se localizava à Rua da Ponte (atual Major Sólón).

João Bierrenbach foi vereador à nossa Câmara e a ela prestou sempre eficiente colaboração.

Precisamente no ano de 1885, realizaram os campineiros a sua primeira exposição agrícola e industrial da região.

Correndo os olhos pelas crônicas da época, nota-se que, unanimemente, se reconhece a Campinas a primazia no processo agrícola e industrial.

Nessa exposição, que se instalou, sob a visão de Torlôgo Dautre, no vetusto palácio de Próspero Bellinfanti (palácio que podia ser visto há bem vários anos, situado à Rua Barreto Leme, esquina da Avenida Francisco Glicério), figuravam além dos produtos agrícolas, os industriais das importantes indústrias

Bierrenbach, Lidgerwood, Mac-Hardy e Arens Irmãos, então em pleno funcionamento.

Companheiros... Naturalmente o foram, pois vieram juntos da Imperatriz Dona Amélia de Leuchtenberg, Heinrich Gerald Brüncken, meu trisavô materno e Johann Bierrenbach, ancestral dos meus amigos, George, Otávio, Celso, Décio, Cyro e suas irmãs, num milagre dos tempos e dos costumes da tradicional Campinas...

“Campinas, com o seu céu constantemente azul, onde, em cada raio de sol canta uma harmonia, onde um oníssonos com a natureza vibram nos mistérios da alma humana, as sinfonias bárbaras das selvas, inspiradoras do maior gênio musical da América; Campinas, terra maternal de grandes tribunos e estadistas, Meca da propaganda republicana, cidade duas vezes mártir, ressurgida das próprias cinzas e escombros, para alçar-se aos seus elevados destinos; Campinas, sempre fidalga e acolhedora...”

E, as notas de Alaor Malta Guimarães, que, uma parenta de minha espôsa, parenta essa filha de Próspero Bellinfanti, confirmou num milagre da saudade, essa divina “Presença dos Ausentes”, falando em Nenê, Lalá, Finoca, Carola, Iaiá e outras suas companheiras de infância, e companheiros Nhonhô e João César Bueno Bierrenbach, futuro tribuno; nascida em 1870, Terezinha Bellinfanti fala da severidade germânica com que João Antônio, delegado, como diz, com a sua vara de junco impunha ordem à criançada nos jantares da linda casa; do hábito severo de trabalho que o levava, também, a dar à esposa, Da. Mariquinhas, filha do Juiz Dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno.

Fala do célebre Sr. Antônio Tirolês, com as suas criações de flores coloridas: Rosa Negra e Violeta Vermelha; da palmeira que causou tanta admiração a D. Pedro II, da máquina de moer ossos para a agricultura adiantada dos Irmãos Bierrenbach!...

É por isso que, no recesso de um sonho colorido, a minha sensibilidade vos evoca, Bierrenbach.

“Verdes, os astros no alto abrem-se em verdes chamas; Verdes, na verde mata, embaçam-se as ramas; E flores verdes no ar

brandamente se movem; Chispam verdes fuzis riscando o céu
sombrio; Em esmeraldas flui a água verde do rio, E do céu,
todo verde, as esmeraldas chovem..."

(Olavo Bilac, "O Caçador de Esmeraldas")

É o verde do meu, do nosso, do vosso auri-verde pendão
que no "dourado" - Goldig - tem uma cor da bandeira da Germânia
gloriosa, pátria dos ancestrais de brasileiros que vivem nos seus
descendentes que trabalham pela Campinas dos nossos filhos e da
nossa gente.

